



entre dois continentes da morte

por Marcelo Bourscheid

Peça escrita durante a Oficina Regular
do Núcleo de Dramaturgia Sesi Paraná,
sob orientação de Roberto Alvim,
no ano de 2011.

ENTRE DOIS CONTINENTES DA MORTE

*Enterrar o rosto entre dois seios,
entre dois continentes da morte...*

E. M. Cioran

SARA: por volta de 30 anos.

ANA: por volta dos 25 anos.

O CÃO GLENN: com a idade que os cães têm quanto latem para o luar.

Um banco à beira de um lago. Um poste de luz. Folhas secas sobre a grama. SARA está sentada, lendo um livro. ANA, na penumbra. Um trecho das Variações Goldberg entrecortado por latidos.

SARA (*lendo*)

as folhas de outono caem dançando

é preciso muita insensibilidade para não perceber

nesta imagem simples

o cheiro da morte

o cheiro de um orvalho apodrecido

o cheiro do tempo que escorreu enquanto não suspeitávamos

enquanto achávamos que / palavras

ANA

/que promessas de amor

SARA

que palavras

que promessas de amor

eram suficientes para preencher o tempo

os dias

as lembranças daquela manhã de inverno

por exemplo

na sua infância

aquela manhã em que você se fere pela primeira vez

o sangue tingindo as águas do lago

você se fere

e grita

grita por socorro
ninguém aparece
aquela manhã em que você percebe:
não há ninguém
ninguém
fora dessa carapaça que você chama de eu
ninguém
a não ser este eu
que você é
que pode
se lembrar

ANA
se lembrar
por exemplo
daquela noite
ali
à beira do lago
nós
um céu poluído
a promessa de novas solidões
você me pergunta sobre o destino do cão
o cão rosna um pouco
acho que já é tarde
muito frio aqui

SARA

nós

à beira do

ele tava doente

velho e doente

ANA

nós também vamos ficar

- os pensamentos que nós tínhamos -

nós

aqui

à beira deste lago

nós também vamos ficar

velhas

encarquilhadas

doentes

o silêncio corroendo os dias

SARA

tanto tempo depois

por exemplo ali

naquele bar

“tarde demais pra declarações de amor”

ANA

tarde demais para declarações de amor

nós

ali
naquele bar
à beira do
nunca íamos ao bar
não gostávamos dos bêbados
as vidas pequenas
dos bêbados desta pequena cidade
tarde demais
é o que eu digo
quando você tenta
pelo olhar
dizer que me ama

ali
num bar
à beira do lago
conversamos sobre política
o assunto que ele
o nosso vizinho
mais odiava
a nossa mania de marchas
'quem gosta de marcha é soldado'
ele nos dizia
nos dias em que nos recebia
nos poucos dias em que nos recebia
e ficávamos ali
o homem nos servia chá
e colocava as próprias mãos numa bacia

uma bacia com água quente
sabíamos que ele tinha medo
medo de nós duas
mas ele gostava de ter
às vezes
só às vezes
ele gostava de ter companhia
uma companhia humana
se sentir um pouco humano
sabe?
só aquele cão ali sempre ao seu lado
ele gostava de te ouvir
e eu ficava ali
quietinha
ouvindo
durava pouco
o tempo do chá
e ele tirava as mãos da água quente
eu tenho que trabalhar
ele dizia
e nós íamos embora
por exemplo ali
eu
só uma mulher deitada
à sua frente
você escreve
um corpo

ali

a página em branco em que você irá escrever

escrever a história do homem

o homem e seu piano

me espera

me espera

um corpo

ali

você enterra seu olhar entre meus peitos

chora um pouco

'é só um tempo eu crio coragem ficamos juntas'

é o que eu digo

você não diz nada

você chora entre meus seios

no seu olhar um pedido de espera

nos meus peitos

agora

você vislumbra a sua morte

a morte ao lado do homem

- é o que acontece

é assim que isso se passa -

SARA

me espera

me espera

ANA

eu não te espero

eu parto

você e o homem ficam aqui

separados apenas por uma cerca

você e o gênio

o grande concertista que abandonou os concertos

ele ficava ali

naquela casa

na cidade à beira do

tocando e tocando e tocando

infinitamente a mesma música

a música que só parava quando o homem

esgotado de Valium e Bach

interrompia a sua arte e ressonava

nós quase poderíamos ouvi-lo daqui

se não fosse o cão

SARA

o homem parava

e o cão dava início à outra música

uma combinação

era o que imaginávamos

ANA

e na noite em que eu parto

em que eu deixo vocês

naquela noite
como que por encanto
o cão não latiu
o cão está morto
- eu imagino -
isso me deu medo
como se fosse um presságio
- esses presságios que nos gelam a alma -
eu sinto medo
mas mesmo assim
eu parto
eu deixo aqui
você
o homem
e o silêncio de um cão morto

por um instante, elas se olham

por um instante, era amor

O CÃO GLENN

(após olhar longamente para a lua) Teve um que cá sentou e disse maldição tresvez aos pântanos. Teve um que cá sentou tirou pedras no lodoçal dalidante chorou demuitochoro e faloussa vagabunda. Ça vabagunda morta que era o jeito deleohomem de falar minhamãemorreu. Teve bastante degente que sentou cá não disse nada e ficou um ficar de muito tempo só pro céu olhando que nem eu mas sem uivar. Bastante bastante mesmo degente que gosta de ficar tempo aqui ali do ladoutro olhando olhando olhandalto nenhuivo. Que graça isso de olhar sem responder perguntas de lualta. O lodoçal quebrilha lualta que o muito povo gosta de cáficar sólhando sólhando. Eu também. Que tem coisa bonita nesse olhar. Duas cadelumana que se engronham num esfregossemfim. Seesfregum sesfregum depois sóssorriem queé o jeito cadelumano de terminar coisasdecoito ficar ali sódeabraços no banquinho luaolhando olhandalto olhandaquí no lodoçal quebrilha. Teve um que chegou chegou logopóscito viu cadelumana seassanhou e sesfregou de um outro jeito mais parecido com o que eu gosto. Ascadelumana e aquelum que cá chegou e sem olhar lualta nem lodoçal pegou cadelumana e seesfregou atéqueriu. Cadelumanas também riram e aquelum só depois dessesfregar olhou lualta comcaradequempensa e disse vamos e os tresseforam num andar rememolente de andar quenem cadela não humana quandoquer cadela que rememole rememole até que esfregovem que eu disse eu também gosto também gosto que nem aquelum que cá chegou mas tem um ruim nesse esfregoir queé o disso de grudarsse sem querer ficar grudado e por isso que eu queria só por isso que eu queria por alguns poucos momentos me vem essa vontade esse estranho desejo de ser um pouco humano só um pouco e olhar para a lua depois de uma trepada olhar a lua olhar o lago dessa pequena cidade e dizer como aquele um que aqui veio e disse puta que o pariu como a vida pode ser fudidamente bela!

ANA

era bem assim que eu te imaginava

sentada

lendo um livro

aqui

à beira do lago da nossa pequena cidade

o cão já está quieto

SARA

eu pensei que você não viria

você nunca apareceu

e hoje

uma ligação perdida na madrugada

ANA

aquele cão

o mesmo cão

ele

o cão

nos fazia rir

a gente ria

SARA

a gente ria

nós duas

à beira deste lago

o mesmo lago
nós ríamos
quando toda a cidade
quando ele
o homem
o pianista
adormecia
quando silenciava o seu piano
e ele ressonava
um sono cansado
a gente vinha pra cá
olhar pra essas águas calmas
nós sabíamos que ele estava enlouquecendo
e nós
- era o que pensávamos –
enlouquecíamos com ele
o projeto que ele tinha
passar o resto dos seus dias tocando Bach
indefinidamente as mesmas músicas
ele
Bach
e nós
ali
à beira do

ANA

lago

era um lago
era à noite
sempre à noite
ele dormia
era aqui
no lago
que ficávamos
olhando as águas paradas
o cão
o latido do cão
as nossas vidas paradas
o piano e o homem em silêncio
o cão latindo
o nosso olhar cansado
o nosso olhar bêbado
refletido naquelas águas
não sabíamos o que estávamos fazendo ali
naquela cidade
naquela pequena cidade
à beira do lago
tudo calmo
até que o cão
- estávamos bêbadas
mas não o suficiente pra imaginar isso –
até que o cão

SARA

o cão olha pra nós

- foi o que pareceu naquela noite –

o cão olhou pra nós

e ao invés de latir

entouou uma profecia

que até hoje não entendemos

ou fingimos não entender

O CÃO GLENN

olhar parado as mãos pendidas um corpo um corpo feche as janelas FECH
AS JANELAS PORRA feche as janelas os germes os dragões da mediocridade
entrando pelas janelas feche as janelas feche as janelas as mãos pendidas
água quente eu vou nadar eu teço os caminhos uma nova ária eu caminho o
homem caminha em casa sozinho madrugada eu assobio coisas a minha mãe
a minha mãe morta quantos germes quantos germes aqueles algodõezinhos no
nariz dela quantos germes em suas narinas o homem com medo eu não verei
seus olhos minha mãe o homem minha mãe dizia enquanto eu tocava minhas
primeiras notas no piano minha mãe dizia filho nunca esqueça quem você é
quem eu era quem eu sou minha mãe minha mãe por que isso por que essas
palavras eu nunca eu nunca é fácil pedir para não esquecer é fácil pedir isso
quando se é qualquer um mas como não tentar esquecer quem se é quando se
é Glenn o homem ele é assim que ele fala ele chora ele chora na porta do
hospital sobretudo cachecol num calor terrível o calor daquela tarde sobretudo
cachecol e luvas ele pergunta pela mãe a enfermeira olha pra ele o temor nos
olhos do homem quantos pacientes mortos essa mulher já olhou quantos
germes em seus lábios a enfermeira me acompanha até o quarto ele estanca
ele para na soleira da porta ele não consegue entrar a mãe ali algodõezinhos
nas narinas e ele corre ele corre o mais que pode aquele homem correndo
correndo até chegar à margem deste lago e atirar pedras ao lago como se

atirasse a vida a sua dor a dor as pedras estão sujas musgos mais germes
aquele cão o homem olha o cão olhos de profecia no animal sem nome o
homem vê a sua morte a morte ele também com algodõezinhos isso não
demora muito e ele pensa em compor uma sonata e começa um lento assobio
o cão chega perto eu olho as pedras olho uma pequena pedra coberta de
musgo e penso que esta pedra durará mais do que eu quando eu partir quando
minha música for embora esta pedra estará aqui no chão ou no fundo deste
lago atirada por alguém que também não estará mais aqui e esse pensamento
deixa o homem triste e ele chora um pouco o cão lambe minhas pernas uma
espécie de consolo será deus será deus quem me consola? você cão ele me
diz também durará menos que essa pedra eu o homem atira a pedra eterna no
lago como se atirasse minha mãe morta minha mãe sua vagabunda
ridículos aqueles algodõezinhos mãe mãe mãe eu grito (*ele grita. pausa.*)

e o cão

ele olha para o homem como se compreendesse

entendesse aquela dor

a dor de um homem

que diz coisas incompreensíveis

palavras vazias à beira de um lago

uma mãe que morre

o medo dele

do homem

esta mãe morta

o cão parece entender este medo

o cão desafinado late

ele late

mas ele não entende

ANA

lá

na cidade

na distante cidade que eu escolhi

o meu novo mundo

lá

eu ouvia notícias do homem

de sua reclusão

o abandono dos concertos

isso foi um espanto

alguém no auge abandonar

abandonar-se

era o que diziam

eu te imaginava

aqui

ao lado

tão perto

a escritora

o gênio ali ao lado

escrever sobre ele

era o que você tentava

- as tentativas que fazemos -

a criança

o seu filho

- outra tentativa –

placenta de fel

aquela criança que você não quis

há poucos cachorros lá

e eles não gostam de música

à noite

os cachorros

eles dormem

o menino

ele inspirou profundo

MAIS FORTE

MAIS FORTE

profundo

no pouco tempo que ele esteve aí

respira

profundo

o sangue ali

como um peixe no lago

o menino tenta respirar ali

às vezes parecia que o cão lia os cadernos do homem

às vezes parecia que o cão entendia

às vezes eu sonho contigo

com seu filho às vezes

você e ele não têm rosto

eu imagino você

o embalando à noite

ali

naquele banco à beira do

o cão uivando

o homem dormindo
e você a embalar o filho

SARA (*sussurrando*)

volta menino

volta menino

volta menino

SARA

you escreveria a sua obra a obra da sua vida ali à beira do
quando ela apareceria um sonho bom ali logo ali à sua porta
e seria o começo do fim dos seus anos de solidão
a solidão que você buscou
uma tese sobre a minha obra
perguntas difíceis
e ela acharia graça na suas respostas curtas
ela voltaria
várias vezes
vocês esqueceriam as formalidades
you abriria a cortina e o homem ali logo ali sentado fumando à janela
ali
ao lado
o homem
o seu novo livro
you fala um pouco sobre o homem
mostra as pastas

as centenas de matérias que você juntou sobre este homem
olhar pra ele sem que ele saiba
visitá-lo às vezes como os vizinhos ainda fazem nas pequenas cidades
visitas curtas para não atrapalhá-lo
o menino
o menino que partiu
na noite em que o menino tomou o comprimido
o som
vinha dali
da casa ao lado
Webern, eu acho
o menino pequenino pequeno seu pulmão ainda não formado
um salto
vai menino
vai menino
o menino salta pra luz
e ele ali
tão pequeno
e não
não era a o hora do menino estar ali
volta menino
volta menino
volta por esta maré de sangue
eu te levo
um passo de cada vez
respira respira com o teu pulmãozinho
os seus pedaços ficando pelo caminho

volta volta

eu acordo ali o sangue o menino não mais lá

volta menino

o piano

o que ali ao lado o homem tocava para a partida do menino?

o sangue estanca

você olha ali ao lado o homem não está

ali agora o cão

quieto

como se soubesse

- e ele sabe - .

O CÃO GLENN

manchas azuis aqui

anotar

o que é isso ali dentro dos olhos

anotar

palpitações

calor no corpo

dores no peito

dores ao acordar

sonhei

estranhos sonhos

anotar

frio

tremores

eu me desintegro aqui
são manchas azuis aqui
aquela mulher me olha
talvez fosse bom
uma nova mulher aqui
as crianças
eu gostava delas na casa
anotar
crianças para o próximo ano
sonhei
estranhos sonhos
minha mãe ali à beira do
ela atravessa o lago vestida de noiva dos seus olhos saem pesadas correntes
lavar as mãos
anotar
eu vou lá
atravessar o lago
o menino já deve estar ali
na casa ao lado
o ruído das correntes
mãe
me espera
me espera

A mulher de Loth.

ANA

andar

partir

o lodo o pântano

ali

não olhar para trás

não olhar para trás

e quando eu olhei

quem era você ali tão linda abraçada a uma estátua de sal

não olhe

não olhe pra mim

siga

o lago ficou aí

- como uma sugestão -

atravessá-lo

não sei nadar

eu também não

quando você era pequena

lembra?

aquela casa

nos fundos um terreno baldio

você e sua amiga passeiam por ali

uma construção abandonada

vocês encontram uma caveira e prometem

vocês fazem um pacto de sangue
nunca contar para ninguém
nunca contar para ninguém
pensarão que fomos nós
quem era aquele homem
era de um homem aquele crânio?
homem mulher um cão
quem ali naquele terreno naquele tempo naquela infância
me espera
me espera
deixe ali o crânio
homem mulher cão
e ande
parta
não olhar pra trás
é isso o que faço
o que sempre fiz
partir sem olhar pra trás
eu chego à cidade nova
a cidade em que você
e o cão
e o homem não estão
ali: dissolução
caminhar por horas nesta cidade de becos estreitos
crânios espalhados pelo chão
a erva daninha que cresce por todo o solo desta cidade
o chão arenoso

seguir seguir

com quem continuar a geração

meus filhos

ele virá um dia o filho que você não quis

onde agora ele

eu sonho com ele mesmo não conhecendo este menino

ele vem aqui

quando eu estou caída deitada em um sofá de uma casa que eu desconheço

quem me trouxe aqui

homem mulher cão

quem foi

o menino o meu o seu filho que dormiu comigo naquela noite

eu trepava com os pedaços do seu filho

ele ali tão fraquinho

o pulmãozinho ainda não formado

o menino não respira

eu viajava por lugares sem nome

em todo lugar Sodoma ali comigo

a cidade que eu teria que refundar com meus filhos

com os filhos do seu filho morto

CÃO GLENN

eu morri

ali

naquela cidade

ANA

e quando o seu filho me visitou naquela noite
o barulho do mar batendo nas pedras lá fora

CÃO GLENN

que cidade esta agora
londres viena berlim o cu do mundo

ANA

onde eu estava

CÃO GLENN

onde eu estou

eu percebi que

era

hora

de

voltar pra casa

e nunca mais sair daqui

SARA

e quando você volta
é tarde
sempre é tarde quando voltamos
não há mais nada lá
na cidade à beira do
o homem tem um derrame
ele morre

dias antes
ele gordo inchado cabelo ralo
ele bate à porta com o cão doente nos braços
eu cuido do cão
até que ele possa sair novamente
uivar à lua na beira do
a cidade agora vazia
eu morro também
o livro inacabado
no meu colo um caderno com a minha última anotação
(Sara fecha os olhos)

ANA (pegando o caderno no colo de Sara e lendo)

“Quando ele tinha oito anos, um colega perto dele estava fisicamente doente. Todos os olhares se voltaram para o pobre garoto e a partir daquele momento Gould foi perseguido pelo fantasma dele próprio ficando doente em público. Naquela tarde, ele voltou à escola com duas pastilhas de bicarbonato no bolso; um garotinho descabelado precavendo-se contra o momento em que pudesse perder a compostura. Logo o bicarbonato foi suplementado por aspirinas e depois por mais pílulas. Na escola Gould literalmente contou cada segundo até a hora do almoço (10.800 segundos às nove horas, um número reconfortante de quatro algarismos, 9.900 às 9h15), e rezou para que não acontecesse nada que o pudesse humilhar. Nunca aconteceu. Ele nunca ficou doente em público”.¹

o medo que temos do público
o medo que temos de ficarmos doentes aqui
o medo que temos de morrer em público
poucos têm essa sorte

¹ Trecho do livro *Glenn Gould: uma vida e variações*, de Friedrich Otto.

nunca morremos em público
no momento em que a luz vai embora e tudo se torna escuro
estamos sempre sós.

*No momento em que a luz vai embora e tudo se torna escuro, o CÃO GLENN
conta regressivamente. Piano.*

Curitiba, 13 de dezembro de 2011.